

MAIS UM PRÊMIO FANTASMA

duplicata

*anhar como
então
Walmir
a 1968*

Inaugurou-se o XVII Salão Nacional de Arte Moderna com um saldo positivo de obras selecionadas. Houve pelo menos uma queda considerável, quase total, no esquema do brinquedo e da bolação, do espantoso e do engenhoso. Tendências como a da exploração do erotismo, a utilização da palavra como elemento gráfico, uma certa mitologia das entranhas, uma insistência no regresso às origens (nostalgia do ventre materno) são tranqüilamente defendidas à custa de *métier*, capricho, limpeza e técnica. Isto de um modo geral. Na verdade, a seleção foi justa, pelo menos no que escolheu. Não sabemos no que rejeitou.

Sente-se em certos trabalhos a necessidade de uma complementação: certas unidades arrancadas de um conjunto, pois foi tendência do júri selecionar um ou dois trabalhos dos três enviados. Isto de uma certa forma prejudica o artista e a mostra. A gravura, neste ponto, levou a melhor. Foi a categoria que entrou mais com os conjuntos propostos. Aliás, o crescimento espantoso da nossa gravura torna-se evidente neste salão. Ao contrário de muitos dos jovens pintores, os mais novos gravadores se apresentaram seguros, senhores de um técnica de nível profissional.

Os pintores escorregam mais: querem enveredar por uma abstração geométrica, por exemplo, e não observam as regras de perfeição que faz com que a geometria seja esplêndida, e a ordem rítmica se mostre indiscutível. Seria bom que os artistas desta linha visitassem o atelier de um Ivã Serpa, para verem o que é execução, profissionalismo e domínio de linguagem. A gravura, que não permite amadorismo neste sentido, levou a melhor. Notamos também, entre os novos pintores, uma incursão voluntária e sintomática pelos domínios gráficos, enquanto os novos gravadores se lançam a uma pesquisa insana de matérias ricas e complexas, que estavam muito mais afetas aos recursos da pintura.

Quem saiu ganhando, no caso, são ainda os gravadores. Enquanto a pintura se banaliza, se despe de qualquer mistério (a banalidade, a indiferença, contra a força emotiva da pincelada), a gravura se sensibiliza, adquire relevos, assume timbres os mais inesperados e definitivos. Comparem, por exemplo, as gravuras de Samico e Ana Bela Geiger, exemplos de depoimentos consumados, contemporâneos e poderosos. Samico adotando uma simetria figurativa e mágica, numa interpretação de ícones populares, em que a imagem do homem assume a postura inocente e resguardada de elemento da natureza, Ana Bela mostrando o avesso do corpo, suas intimidades orgânicas, numa espécie de *science-fiction* da dissecação.

A montagem do Salão de 1968 deixa a desejar, como sempre. Queremos ouvir a palavra de seus organizadores para entender o descuido. O lugar é inadequado para a exposição (primeiro andar do Palácio da Cultura), a iluminação é má, o catálogo é paupérrimo. Tudo isto se compreende a partir daquele refrão com que se defendem no Brasil todas as instituições oficiais: não temos verba para melhorar. Assim o que se vê é o Conselho Federal de Cultura existindo apenas para editar uma revista, com pomposos pareceres sobre pedidos que nunca podem ser atendidos, porque os bilhões dotados para movimentação do Conselho são fantasmas que acenam à distância da desatenção oficial aos temas da cultura.

Mas o que não pode entender neste Salão é o mau acabamento dos painéis onde os quadros estão fi-

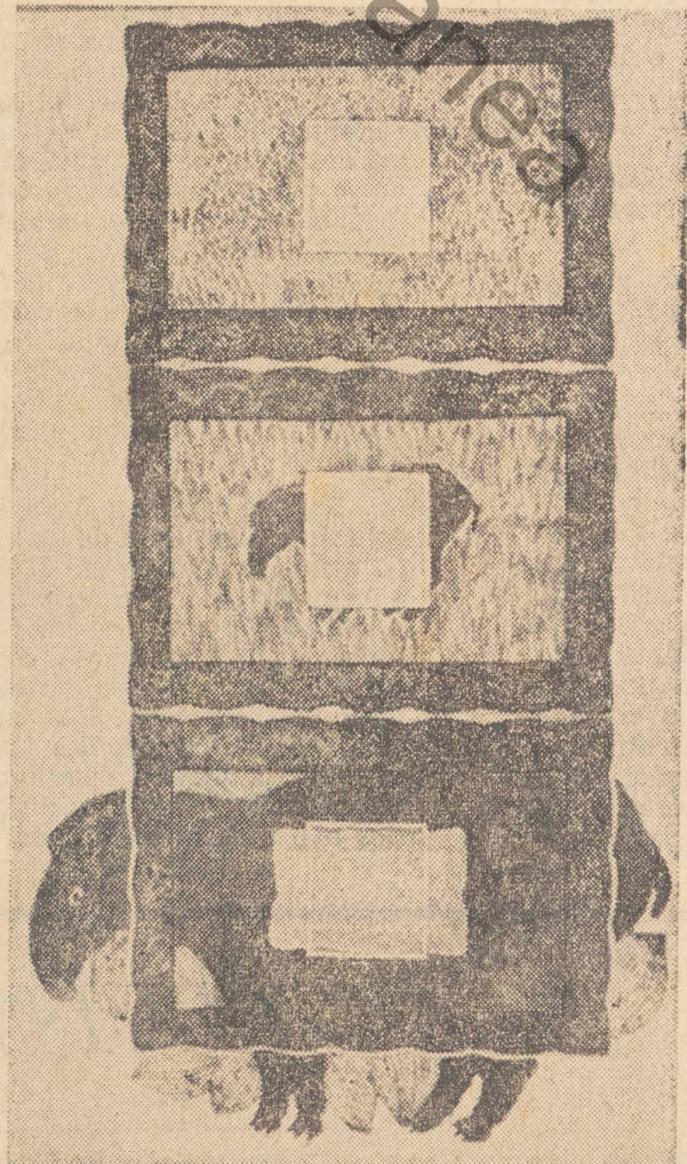
xados. Bastava um pintor (de parede) e alguma tinta, para que os painéis se apresentassem limpos, com aspecto de novos, numa condição mínima de exibição dos trabalhos. Como exemplo, convido o público a olhar com atenção o estupendo desenho de Farnese de Andrade, um desenho minucioso, perfeito em seu acabamento, de concepção labiríntica e delicada — este desenho está dependurado num painel amarelado, sujo, que começou a ser pintado na sua base, de repente interrompido nesta pintura, uma perfeita parede de demolição de velha casa de madeira. Isto se choca com a qualidade do trabalho de Farnese, que propõe exatamente o contrário e que, como Ana Bela Geiger, incursiona pelo tema do universo celular, suas raças de procriação e sonho, seus labirintos e laboratórios.

Trezentos e sessenta e um trabalhos estão expostos no Palácio da Cultura, neste XVII Salão Nacional de Arte Moderna. Nota-se de entrada o amontoamento das isenções de pintura, todos ansiosos pelo lugar que melhor os ponha à vista, empurrando-se, quase colados uns aos outros. É bom que estes candidatos, que põem nisto tanto das suas esperanças, saibam o que tem a dizer o desenhista Roberto Magalhães, que voltou às pressas da Europa, com atraso de meses no recebimento da importância mensal do prêmio. Enquanto isto, ainda se discute nos canais competentes se a dotação do segundo semestre será ou não autorizada. Este prêmio, portanto, tornou-se mais um fantasma no mundo utópico das subvenções culturais do País. Pois os candidatos considerados mais prováveis ao Prêmio de Viagem ao estrangeiro se comprimem no saguão, sem saberem (ai deles) que estão possivelmente cavando alguns meses de miséria na Europa (salvo os *estribados e empistolados* que são, freqüentemente, os de melhor sorte).

Só o que faltava ao Salão era perder o prestígio do seu prêmio, sem dúvida um dos mais importantes do mundo, em cobertura financeira. Este prêmio merecia ser reforçado em sua realidade e desmembrado de forma a favorecer com mais justiça as categorias de gravura e desenho. Isto mais o controle das isenções, a localização adequada, um certo capricho na apresentação das obras, depois (e antes de mais nada) uma participação realmente nacional através de um bom trabalho de divulgação, dariam ao Salão Nacional de Arte Moderna a idoneidade que ele merece. E, por favor, solicito a quem for devido, que no próximo ano envie a esta coluna pelo menos uma comunicação de que o Salão existe e pode ser promovido. Porque até isso, por experiência própria, podemos melancolicamente confessar que este ano não foi feito.



Francisco Ferreira: a mitologia das entranhas



Ruth Bess: a gravura no Salão